
ARTIGO

O SOVIETE DE 1905**IVAN ANTÔNIO DE ALMEIDA****Depto. de História - UFOP**

A Revolução Russa de 1905 é um momento privilegiado da história. Pela primeira vez se esboça, de forma nítida, um poder popular, embrião de uma sociedade anti-capitalista. Essa rica experiência de auto-organização foi praticamente esquecida quando a Revolução de 1917 foi aceita, pela quase unanimidade dos pensadores, como o modelo de uma revolução socialista¹. A Comuna de Paris e a Revolução de 1905 pareciam ter sido meros ensaios de uma revolução vitoriosa. A Revolução de 1917 passou a ser o paradigma da revolução socialista.

Hoje, embora me pareça evidente o caráter capitalista da Revolução de Outubro², há uma grande resistência nos meios intelectuais em aceitar essa constatação. Também vive-se na esquerda um entusiasmo em relação à democracia liberal burguesa. Retomar essas experiências revolucionárias, hoje sob uma nova ótica, significa a possibilidade de se voltar a discutir a superação da ordem capitalista, necessidade particularmente sentida em países como o nosso, onde o capitalismo não tem conseguido resolver os problemas básicos da população.

A democracia liberal no Brasil, além de não dar sinais de ultrapassar as portas das fábricas, está desacreditada para a maior parte da população. Embora não haja nenhuma campanha organizada que denuncie o caráter limitado dessa democracia, uma parte significativa da população tem manifestado a sua crítica. Nas pesquisas de opinião, o item “políticos” é o setor mais rejeitado. As eleições têm apresentado índices de abstencionismo, voto nulo e voto em branco que variam de um quarto até um terço dos eleitores. Para a quase totalidade da população, o

¹ Estou usando o termo “socialista” como sinônimo de anti-capitalista.

² Veja-se especialmente o cap.18, em: BERNARDO, João. *Para uma Teoria do Modo de Produção Comunista*. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

exercício da democracia não tem representado uma melhoria nas suas condições materiais, pelo contrário, tem significado um empobrecimento rápido e trágico.

Refletir sobre a experiência russa de 1905 é uma oportunidade instigante para discutir alternativas à dupla e contraditória situação em que nos encontramos. De um lado, as forças de esquerda dão loas à democracia liberal como uma nova panacéia - e se beneficiam com ela, à medida em que os integrantes dos partidos dessa “esquerda” se integram ao Estado, através de funções administrativas e da representação política - ao mesmo tempo em que esta forma de democracia está desacreditada junto à população.

A velha e atrasada Rússia, onde todas as mudanças eram lentas e incompletas, sofreu, no final do século XIX, um processo de rápido crescimento industrial, acompanhado de uma surpreendente efervescência cultural. A industrialização russa foi patrocinada pelo Estado que criou uma infra-estrutura, como as estradas de ferro, e investiu maciçamente na produção de ferro e aço e na indústria mecânica. O Estado comprou tecnologia, principalmente alemã, e estimulou os investimentos estrangeiros.

Embora o censo de 1897 indique que apenas 13% da população morava nas cidades, o processo de urbanização era rápido e era alta a concentração operária nas principais cidades. Entre 1895 e 1897, enquanto a população rural crescia 12,7%, a população urbana cresceu 33,8%³. São Petesburgo tinha 820.000 trabalhadores “empregados ativamente”. Destes, 433.000 (53%) eram operários e serventes⁴.

Com o crescimento industrial, a distância entre a sociedade civil, com suas novas classes sociais (operariado e burguesia - embora esta fosse constituída em parte pelos gestores das empresas estatais) e a velha monarquia absoluta, ampliou-se cada vez mais. Salvo o restrito grupo palaciano, era geral o desejo de mudanças. As liberdades da democracia liberal interessavam a praticamente toda a sociedade, destituída de qualquer direito de expressão ou organização.

A partir de 1904 intensificaram-se as manifestações de insatisfação, principalmente em São Petesburgo e Moscou. No meio operário a situação era de permanente tensão. O numeroso operariado vivia na miséria; más condições de trabalho, baixos salários, multas, ausência de pensão por acidentes de trabalho ou aposentadoria, jornadas de 12 horas diárias, seis dias por semana. A organização

³ TROTSKY, Leon. *A Revolução de 1905*. São Paulo: Global Editora, s/d., p. 55.

⁴ *Idem*, p. 257.

sindical era proibida. Em 1904 o governo toma a iniciativa de patrocinar a criação de *organizações que canalizassem as insatisfações dos operários para reivindicações meramente econômicas*, procurando afastá-los da luta política. Para a tarefa, são escolhidos dois agentes da polícia secreta. O que fora destacado para Moscou foi logo desmascarado. O outro, sacerdote e capelão de uma das prisões de São Petesburgo, padre Gapone, vai desempenhar um papel que não estava previsto.

No final do ano de 1904, a organização do padre Gapone, Associação Operária de Fábricas e Usinas, contava com onze “seções operárias”, onde os trabalhadores se reuniam para discutir os seus problemas, ouvir alguma palestra ou ler jornais. Nessas seções era proibida a entrada de militantes de partidos políticos⁵.

No dia 3 de janeiro de 1905, uma segunda feira, os 12.000 operários da fábrica Putilov, uma das maiores de São Petesburgo, iniciaram uma greve que, rapidamente, se estendeu pela cidade. Os operários da fábrica, ligados ao padre Gapone, através dos “círculos operários”, tinham redigido uma petição à direção da fábrica com reivindicações econômicas. Não só não foram atendidos, como quatro operários foram despedidos. A greve que se iniciou foi em solidariedade aos demitidos. A indignação entre os operários da capital foi enorme. Gapone, “procurando salvar seu prestígio e sua função, simulou uma indignação superior à de todos e estimulou os operários da fábrica Putilov a reagir vigorosamente”⁶. Era a primeira greve operária importante da Rússia. Rapidamente a indignação espalhou-se através das “seções operárias” e a greve se estendeu por outras fábricas, até se tornar uma greve geral dos trabalhadores de São Petesburgo. Nas assembleias operárias de fábricas, nas ruas e nas “seções operárias”, discutia-se o que fazer. Era necessário ir além da paralisação. Foi quando surgiu a idéia de se redigir uma *petição ao czar*. Gapone ficou encarregado de entregá-la pessoalmente, apoiado por uma grande e pacífica manifestação. A idéia “uniu, inspirou e entusiasmou; ela deu um sentido, um objetivo preciso ao movimento dos operários”⁷. Gapone foi encarregado de redigir a petição. Foi nessas circunstâncias que os partidos políticos e militantes operários se aproximaram de Gapone. O documento, no início extremamente servil, foi se transformando num documento

⁵ O primeiro grupo social-democrata foi o Emancipação do Trabalho, fundado em 1883. Em 1898 foi fundado o Partido Social Democrata Operário Russo. No seu segundo congresso, em 1903, nascerá a fração menchevique (minoría) e a fração bolchevique (maioría). No início do século foi fundado o Partido Socialista Revolucionário, que desempenhará um papel importante na Revolução de 1917. Também haviam alguns grupos anarquistas, principalmente em São Petesburgo e Moscou. Ainda que tivessem pouca influência, dada a situação de clandestinidade em que esses grupos atuavam, era intenso o debate sobre a natureza da formação social russa. A primeira tradução de *O Capital* foi para o russo. Marx também manteve uma intensa correspondência com os revolucionários russos.

⁶ VOLIN. *A Revolução desconhecida*. São Paulo: Global Editora, 1980, p. 62.

⁷ *Idem*, p. 63.

onde foram contempladas as principais reivindicações operárias em todos os níveis. A situação era paradoxal. O documento pedia simplesmente ao czar que abdicasse dos seus poderes absolutos, e fazia reivindicações econômicas que permaneceriam na pauta das reivindicações operárias por muitas décadas.

As liberdades democráticas reivindicadas compreendiam: a liberdade de palavra, de imprensa, de associação, de religião, inclusive a separação entre Igreja e Estado, além da inviolabilidade da pessoa; igualdade de todos perante a lei, “sem exceções” e anistia; reforma agrária e imposto de renda “direto e progressivo”.

Em relação às questões que envolviam capital e trabalho, solicitava-se que o trabalho fosse protegido por lei; redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias (seis dias por semana) e “limitação das horas extras”; direito de greve, “liberdade de luta entre trabalho e capital” e legislação previdenciária, “lei de seguro e pensões”.

A denúncia do arbítrio nas relações com as chefias, “que as ordens não nos sejam dadas em meio a injúrias”, e a necessidade da melhoria das condições de trabalho dentro das fábricas, “uma renovação das instalações das oficinas”, questões que, para nós, no Brasil, ainda permanecem na ordem do dia, também são reivindicadas⁸.

A negociação direta, “fixação dos salários em comum acordo” e a “arbitragem nos casos de mal-entendidos”, também é exigida⁹.

Sob a arcaica forma de “petição ao czar”, o documento elencava um conjunto de reivindicações que vão marcar a pauta do movimento operário neste século. Meses depois os operários da Rússia serão responsáveis pela criação da organização operária que será a primeira manifestação madura de um novo modo de produção que, até hoje, se gesta no planeta.

O dia para a entrega da petição foi marcada para um domingo, dia 9 de janeiro (velho calendário), menos de uma semana depois de iniciada a greve na fábrica Putilov. A mobilização foi feita através das “seções operárias”. Dia e noite fazia-se a leitura da petição, “Logo que o recinto estava repleto, fechava-se a porta e a petição era apresentada: os operários assinavam uma folha especial e evacuavam a sala, que se enchia imediatamente de nova multidão que aguardava

⁸ Ver as reivindicações operárias em ALMEIDA, Ivan Antonio de. *Construindo a identidade operária - a história da Comissão de Fábrica da ASAMA*. São Paulo, dissert. de mestrado, PUC/SP, 1992.

⁹ Todas as citações foram retiradas da íntegra da petição publicada por VOLIN, *Op. Cit.*, pp. 64-69.

pacientemente sua vez na rua, e a cerimônia recomeçava. Isso continuava assim em todas as seções até meia-noite ou mais”¹⁰. A leitura do documento terminava com um juramento coletivo onde era enunciada uma maldição, que se tornou profética, “se por acaso o tzar, ao invés de nos acolher, opuser contra nós os fuzis e os sabres, então, meus irmãos, que a desgraça caia sobre a sua cabeça! Nesse caso, não teremos mais tzar! Nesse caso então, que seja maldito para sempre, ele e toda a sua família!”¹¹.

Finalmente, chegou o dia. De todos os lados da cidade, desde o amanhecer, uma imensa e silenciosa multidão, composta principalmente de operários (muitos com suas famílias) movimentavam-se em direção ao Palácio de Inverno onde deveria estar o tzar, “a marcha foi pacífica, sem canções, cartazes ou discursos. As pessoas vestiam suas roupas de domingo. Em algumas partes da cidade levavam ícones e estandartes eclesiásticos”¹². Por toda parte encontraram barreiras formadas por tropas. A polícia atirou na multidão. Mesmo assim, a multidão afluía “sem cessar em direção à praça, ocupando e engarrafando as ruas próximas”¹³. No final da tarde os mortos e feridos, homens, mulheres e crianças, somavam milhares. Nunca se soube o número¹⁴. Durante a noite os cadáveres foram transportados por trens e enterrados em valas comuns nos bosques próximos à capital. Quanto ao tzar, sequer se encontrava na capital.

Ao que parece, tratou-se de um plano dos setores palacianos mais conservadores para “dar uma lição nos operários”, já que durante a preparação do ato não houve nenhuma intervenção da polícia, apenas uma tímida proclamação do juiz de São Petesburgo, proibindo a realização da manifestação¹⁵. O resultado, no entanto, foi o inverso do que se pretendia. A lenda do tzar, - a massa camponesa, durante séculos, representava o tzar como o “paizinho”, autêntico representante de Deus na terra - desfez-se sob os golpes de sabre e a metralha dos fuzis.

Durante o massacre os operários ainda tentaram se defender, mesmo desarmados, levantando barricadas em vários pontos da cidade. Mais uma lição aprendida. As reivindicações operárias só seriam atendidas pela força das armas. Essa é a grande *diferença entre a ditadura e a democracia liberal burguesa*. Enquanto a primeira não oferece opções aos trabalhadores, a não ser impor-se pela

¹⁰ VOLIN, *Op.cit.*, p. 71.

¹¹ VOLIN, *Op. Cit.*, pp. 71-72.

¹² TROTSKY, *Op. Cit.*, p. 89.

¹³ VOLIN, *Op. Cit.*, p. 73.

¹⁴ Segundo a lista entregue pelos repórteres ao ministro do interior no dia 13 de janeiro eram aproximadamente 4.600 os mortos e feridos. Número aproximado às baixas da guerra russo-japonesa (1904-1905) na Manchúria.

¹⁵ Durante a reunião do Conselho de Ministros o massacre não foi discutido, “por não estar na pauta”.

força das armas, a democracia liberal oferece canais de expressão e participação para amplos setores da sociedade, isolando os trabalhadores e criando a ilusão de participação, ilusão renovada a cada eleição. A lição de 1905 foi repetida muitas vezes depois. Hoje parece ser consensual aos diversos setores das classes dominantes que a melhor forma de dominação é aquela que oferece a ilusão da participação aos dominados. É necessário recordar que na Rússia de 1905 nem os sindicatos eram permitidos. É essa circunstância que vai forçar os operários russos a criarem uma forma direta de expressão.

Na segunda feira, 10 de janeiro, ninguém trabalhou em São Petesburgo. Nos dois meses seguintes, greves surdas e espontâneas pipocaram nas principais cidades da Rússia. Foi nesses meses de janeiro-fevereiro que nasceu o primeiro soviete (conselho) de representantes operários, organismo permanente de representação e poder operário¹⁶. Seu nascimento foi praticamente acidental. Poderia ter sido de outra forma, já que se tratava de uma necessidade histórica.

Quem nos descreve a história da sua origem é uma testemunha ocular, Volin, já citado por nós diversas vezes. Volin era um jovem professor de 22 anos que dava aula para operários. Foi através dessa atividade que conheceu Gapone e participou da leitura da petição numa das “seções operárias” às vésperas do 9 de janeiro. Uma semana depois do massacre foi procurado por um advogado, Jorge Nossar, que o conhecera numa das leituras da petição e soubera da sua proximidade como os operários. Como Nossar era bem relacionado em certos meios burgueses de oposição, que queriam solidarizar-se com os operários em greve, resolveu procurar Volin para, através dele, organizar a distribuição de fundos coletados. O interesse em Volin era porque este não pertencia a nenhum partido e tinha contato direto com os operários.

Depois de um certo tempo, a greve foi cessando, assim como os donativos. Os operários que se reuniam na casa de Volin discutiram a necessidade de continuar o contato com as fábricas, manter uma forma de organização. Foi aí que surgiu a idéia de se formar um Conselho de Representantes Operários (Soviete). Volin foi convidado a presidí-lo. Não aceitou. Achava que uma organização operária deveria ser presidida por operários, “os amigos”, no entanto, “não se sentiram suficientemente fortes para poder dispensar um ‘guia’ ”. Ofereceram, então, o posto de presidente do Soviete a Nossar. Este, como narra Volin, “não

¹⁶ Essa é a diferença entre o soviete e o comitê de greve (ou as comissões de negociação) que tinham sempre um caráter transitório, até acabar a greve ou se concluírem as negociações.

tendo os mesmos escrúpulos que eu, aceitou”¹⁷. A indicação de Nossar representava a persistência do velho nessa nova forma de organização.

De fevereiro a outubro o soviete ampliou sua legitimidade, incorporando novos representantes de fábricas e chegou a editar um jornal, o *Isvestia* (As notícias). Perseguido, o soviete teve que interromper quase totalmente suas reuniões, só retomadas durante o movimento revolucionário de outubro.

Por volta de setembro começaram a ocorrer reuniões populares nas universidades, principalmente em São Petesburgo e Kiev. Em 1905 existiam na Rússia umas trinta universidades e escolas superiores para ambos os sexos. Os estatutos dessas escolas eram resultado das reformas de Alexandre II (1855-1881) e garantiam às universidades uma autonomia bastante significativa. Os tzares Alexandre III e Nicolau II tentaram reduzir essa autonomia, mas desistiram diante da resistência dos estudantes e professores.

Uma greve de tipógrafos, por reivindicações específicas da categoria, desencadeou um movimento que resultaria numa greve geral política em toda a Rússia. No dia 7 de outubro inicia-se a greve dos ferroviários. No dia 9 a greve já se estendia por toda a Rússia, com as palavras de ordem: jornada de 8 horas, anistia, liberdades civis e assembléia constituinte. No dia 17 a greve era geral. Nessa situação foi possível ao soviete sair da clandestinidade e assumir o papel de coordenador do movimento. No dia 13 o soviete reuniu-se no Instituto Tecnológico de São Petesburgo com cerca de 30 a 40 participantes e tirou a palavra de ordem “greve geral”. Sua representatividade foi se consolidando, à medida que as fábricas em greve foram mandando seus delegados. No dia seguinte já eram cem os delegados operários. Havia também representantes dos partidos revolucionários.

Segundo Trotsky, que passou a fazer parte do soviete, este “mais parecia um conselho de guerra que um parlamento”, “a mínima tendência para a retórica era firmemente refreada pelo presidente, com a severa aprovação dos assistentes”¹⁸.

No dia 17 de outubro, ao mesmo tempo em que o governo fechava e ocupava todas as escolas superiores de São Petesburgo, o czar proclamava um *manifesto constitucional*. O manifesto contemplava a maior parte das reivindicações políticas dos grevistas. A greve começa a declinar. O soviete decreta o encerramento do movimento no dia 21 de outubro. Encerrada a greve, fizeram-se manifestações em frente às prisões pela anistia. No dia 22, o governo publica o

¹⁷ VOLIN, *Op. Cit.*, p. 93.

¹⁸ TROTSKY, *Op. Cit.*, p.123.

decreto de anistia. A reação dos setores ultra-conservadores do governo e da sociedade foi a organização de *pogrons* que, segundo Trotsky, teriam vitimado de três mil e quinhentos a quatro mil judeus e militantes operários e deixado mais de dez mil feridos e mutilados, em mais de 100 cidades¹⁹.

Em São Petesburgo não ocorreu nenhum pogrom. Os operários evitaram a violência se armando de todo o tipo de recursos, “todas as usinas e oficinas que tinham algum tipo de acesso ao ferro e ao aço começaram, por iniciativa própria, a fabricar armas brancas. Com vários milhares de martelos forjaram-se punhais, picaretas, chicote de arame e clavas de ferro”²⁰. As tipografias em greve só imprimiam o jornal do soviete e os jornais social-democratas. Os trabalhadores se recusaram a imprimir qualquer folheto que visasse a estimular os pogrons.

Nos dias 26 e 27 de outubro, estoura uma revolta de marinheiros no porto de Kronstadt, sufocada pelo governo no dia 28. O soviete reage e declara uma nova greve geral política acompanhada de comícios de protesto. O governo cede, não julgando os revoltosos de Kronstadt através de cortes marciais, como havia ameaçado. No dia 7 de novembro o soviete encerra a greve geral. O soviete procurava evitar um confronto direto com o governo, por reconhecer que não dispunha de força militar para vencê-lo.

Durante a greve de outubro os operários desencadearam, independente da orientação do soviete, a luta pela redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias. O método era o da *ação direta*. Cumpridas as 8 horas, era detonado o apito que encerrava a jornada de trabalho. Finda a greve os operários tinham conquistado a redução da jornada para 9 horas de trabalho em todas as usinas do Estado e em diversas empresas privadas. A luta pelas 8 horas ganhou popularidade no meio operário.

Nesses últimos meses do ano também foi registrada uma intensa agitação no campo. No mês de agosto foi realizado em Moscou o primeiro Congresso de Camponeses. O segundo Congresso que se realizou na mesma cidade no dia 6 de novembro e aprovou um programa que incluía a transferência de toda a terra à propriedade comunal, “àqueles que a trabalham”²¹.

¹⁹ *Idem*, p. 146.

²⁰ *Idem*, p.148.

²¹ *Idem*, p. 201.

De 11 a 16 de novembro foi sufocado um novo levante de marinheiros, em Sebastopol, no mar Negro. Os marinheiros sublevados exigiam a convocação de uma assembléia constituinte.

No dia 14 de novembro foram detidos em Moscou os funcionários da União Camponesa, formada no segundo Congresso Camponês. No dia 26 é preso Nossar, presidente do soviete de São Petesburgo, que continua a atuar na clandestinidade, através do seu comitê executivo, que fora eleito por voto secreto, por 302 deputados operários. Trotsky é seu novo presidente.

Em dezembro continua a repressão. O soviete decreta nova greve geral no dia 7. Trinta e três cidades respondem ao apelo (contra trinta e nove em outubro). No terceiro dia de greve em Moscou começam a surgir grupos armados que se chocam com a polícia e as forças armadas durante nove dias. O número aproximado de vítimas do Levante de Moscou é de mil mortos e o mesmo número de feridos.

Segundo Trotsky, entre o Domingo Sangrento e a convocatória da primeira Duma de Estado²² em 27 de abril de 1906, o governo czarista foi responsável pela morte de mais de 14.000 pessoas, execução de 1.000, 20.000 feridos e prisão ou desterro de mais de 70.000 pessoas. O autor (e participante ativo dos acontecimentos) conclui que “o preço não foi excessivo, levando em conta que o que estava em jogo era a própria existência do czarismo”²³.

A Revolução Russa de 1905 preparou a Revolução de 1917. O mito do czar estava comprometido. O domínio ideológico tinha se quebrado. O governo, ao não fazer nenhuma concessão significativa e reprimir com violência a insatisfação, criou um distanciamento fatal em relação à sociedade civil. As forças em conflito estavam esboçadas. Restava, praticamente, resolver um problema militar. A auto-organização dos operários criou novos métodos de luta e formas de organização que serão incorporados aos programas dos partidos revolucionários, particularmente dos bolcheviques. Em toda social-democracia a experiência russa de 1905 vai ser objeto de intenso debate²⁴.

Para encerrar, mais duas observações. A organização operária que se criou em janeiro/fevereiro de 1905 não representava ainda uma forma desenvolvida.

²² Esse Parlamento era apenas consultivo e não teve maior significado que o de atender à pressão da comunidade financeira internacional que exigia estabilidade política.

²³ TROTSKY, *Op. cit.* p. 253.

²⁴ Para Rosa Luxemburgo, por exemplo, a greve geral de massas de 1905 prefigura a forma que tenderão a assumir as lutas operárias em todo o continente.

Como vimos, os operários ainda não se sentiam suficientemente auto-confiantes para indicar a presidência do seu soviete a um operário (indicando o advogado Nossar e o militante político Trotsky). A forma de democracia direta também preservava características da representação burguesa. Os deputados operários, uma vez eleitos, falavam em nome dos seus eleitores, ou seja, preservava-se a delegação de poderes. Não era uma democracia direta plena. Essa característica facilitou, mais tarde, em 1917, o aparelhamento dos sovietes pelo partido bolchevique²⁵.

Em 1917, entre fevereiro e outubro, aparece a contradição entre os sovietes formados por deputados que tinham poderes delegados (e recebiam inclusive um salário, nos moldes dos parlamentos capitalistas) e os sovietes, onde havia o exercício da democracia direta, como os Comitês de Fábrica ou os sovietes de bairro. Essas organizações de base estavam sempre à frente do Soviete de Deputados Operários, como no caso da redução da jornada para 8 horas. Em 1917 (tal como em 1905), os Comitês de Fábrica “faziam aplicar as 8 horas, mesmo antes do acordo entre o Soviete e os patrões. Nesse sentido eles se chocavam com o patronato, com o governo e com a indiferença do Soviete e de seus partidos”²⁶. Essa contradição se tornou mais explícita quando os comitês de fábrica se organizaram de forma horizontal, formando o Soviete das Comissões de Fábrica, “a extensão horizontal da ação dos Comitês de Fábrica causou um conflito com os sindicatos. Sua extensão vertical, por sua vez, suscitou uma rivalidade de poderes entre os sovietes dos conselhos de fábrica e o soviete dos deputados. Assim, os sovietes dos Comitês se transformou em um verdadeiro contrapoder operário que organizava sua própria defesa, apoiado nos bairros”²⁷.

Durante a revolução de 1917 essa contradição foi resolvida de forma negativa. Os bolcheviques, uma vez com a máquina do Estado nas mãos, eliminaram toda forma de auto-organização operária, fosse ela direta ou indireta. Ficou, no entanto, a experiência da contradição que, a meu ver, permanece extremamente atual, a contradição entre a representação direta dos trabalhadores e as diversas formas de representação delegada, que vai dos sindicatos aos partidos.

A segunda questão, com a qual pretendo encerrar este texto, é mostrar que a posição dos bolcheviques em relação aos sovietes já era clara em 1905. Era explícita a contradição entre os trabalhadores auto-organizados através dos sovietes e os partidos políticos (aqui simplesmente representados pelo partido bolchevique).

²⁵ O controle do partido bolchevique sobre os sovietes foi o principal motivo do levante dos marinheiros de Kronstadt, sufocado por Trotsky. Veja-se KOLL, Frits e OBERLANDER, Erwin. KRONSTADT, *Documentos de la revolucion mundial*. nº 2, Zero, Madrid, 1971.

²⁶ FERRO, Marc. *Dos Soviets à Democracia*. CECA/CEDAC, 1987, p. 19.

²⁷ *Idem*, p. 22.

A questão “Partido ou Soviete”, já colocada por militantes políticos em 1905, permanece atual. Trotsky, na obra *A Revolução de 1905*, faz clara distinção entre partido e soviete. Em relação aos partidos, esclarece que “tratava-se de organizações *dentro do proletariado* e seu objetivo imediato era ter influência *sobre as massas*”, enquanto que o Soviete “foi, desde o início, a organização *do proletariado* e seu objetivo era a luta pelo poder revolucionário (grifos no original)”²⁸. Lenin, no artigo “Nossas tarefas e o Soviete de Deputados Operários”, faz referência ao “camarada Radin” que “coloca o problema do seguinte modo: Soviete de Deputados Operários ou Partido?”²⁹. Nesse artigo, Lenin não entrará no mérito da questão. Mas ao se referir à relação entre soviete e partido, dirá claramente que os bolcheviques são os únicos representantes do “proletariado consciente”, portadores do pensamento marxista, “a única concepção do mundo verdadeiramente conseqüente e proletária”³⁰, e que seu apoio aos sovietes é somente tático pois,

“sem a união do proletariado e dos camponeses, sem a aliança combativa de social-democratas revolucionários, é impossível o êxito total da grande revolução russa. Será uma *aliança provisória* com fins práticos e imediatos bem definidos; e para defender os interesses fundamentais, os interesses vitais do proletariado socialista, *para defender seus objetivos finais sempre estará o Partido Operário Social Democrata da Rússia*, partido independente e ideologicamente firme nos princípios.”³¹

O aparente sucesso da Revolução Russa de 1917 como uma revolução socialista, encobriu essa discussão. Dentro do país, os grupos que, de alguma maneira, questionavam a estatização dos meios de produção e a ditadura do partido bolchevique, foram sendo paulatinamente eliminados. Mesmo os grupos que faziam essa discussão dentro do partido, acreditando, portanto, que a contradição entre organização operária e partido não era total, foram perseguidos e exterminados³².

Hoje, refletir sobre essas questões é condição necessária para a crítica da democracia liberal e do ex-“socialismo real”.

²⁸ TROTSKY, Leon. *A Revolução de 1905*. São Paulo: Global, s/d, p. 255.

²⁹ LENIN “Nossas tarefas e o Soviete de Deputados Operários” in *1905 - Jornadas Revolucionárias*. Contagem/MG, Editora História, 1980, p. 79.

³⁰ *Idem*, p. 89.

³¹ *Idem*, p. 82, grifos meus.

³² Veja-se, sobre o período, a coletânea de documentos organizada por Oscar ANWAILER, *Democracia de Trabalhadores o Dictadura de Partido, Documentos de la revolucion mundial*, nº 1, Zero, Madrid, 1971.